



Nas vésperas do feriado do dia 3 de Fevereiro, um grupo de amigos encontraram-se para jogar a bisca 61 e para conversar. A conversa dos amigos virou-se às lembranças da roça Rio D'Ouro.

A Tonha explicou que a roça Rio D'Ouro foi construída pelos angolanos, moçambicanos e cabo-verdianos, que foram trazidos pelos portugueses, durante a fase de escravatura. Residiam na altura, muitos descendentes dessas paragens em casas denominadas de Senzalas. Era uma roça que atraía a todos.



A Tonha continuou:– Em 1976, o Presidente da República Democrática de São Tomé e Príncipe convidou o primeiro presidente de Angola a visitar a roça. Depois, os residentes deram-na o nome de Empresa Agrícola Dr. Agostinho Neto em sua homenagem. Um dos amigos, o Sum Zozé, acrescentou:

– A roça Rio D’Ouro foi uma das mais bonitas do país, com tudo o que podia atrair aos visitantes.

Tinha um jardim botânico muito bonito. A população podia visitar e conhecer as plantas e animais endémicos. Eram abundantes as lindas rosas de porcelana, bico-de-papagaio, fiá glêza, orquídeas brancas, hibiscos e buganvília, em variedade de cores!

Também o jardim tinha tantas espécies de animais, aves e insectos! Os macacos eram engraçados a ver. Os periquitos e papagaios eram fascinantes. Os cães, lagaias, cisnes e papês não faltaram. As cobras pretas no cativeiro eram atração de todos os visitantes. A sua cor preta e os olhos brilhantes quase que colocavam as pessoas imobilizadas.





- Como tenho saudades das lindas borboletas e vindolas que aproximavam os jardins devido os aromas das lindas flores!

Foram conversas lindas e muito atractivas sobre as recordações da antiga roça Rio D'Ouro. Saiu de um cantinho, muito calmo, um senhor meio cansado, Sô Manel, que exclamou:

- Coitadas das aves! Em extinção por causa da intervenção humana. Viviam em grades apropriadas. O ambiente era confortante devido os seus cantos. As rolas, os curucucus, as corujas, os pavões, as codornizes eram um encanto.



Naquela altura, se quisessem apanhar perfume natural era só dirigir-se à roça Rio D'Ouro. Os aromas das rosas, do pau-perfume (langue-langue), das chalelas, enfim, era um mundo de aromas, ao longo de toda vida.

As flores nos jardins tinham uma organização fora de sério e eram de todas as cores e espécies. Assim, entrava-se no meio das flores dos jardins e jamais se apetecia sair do mesmo local. Os habitantes, mesmo oprimidos, sentiam-se felizes com tanta beleza que existia na roça.

Sum Zozé foi acrescentando tudo o que ainda recordava:- Se nunca viram um tractor com vagões de cacau no despertar da manhã ou ao cair da tarde, então, viram pouca coisa! Os trabalhadores estavam todos ali descalços, com machim, gancho, bandola, tina de cacau e o trabalho era duro. Todos eram solidários e ajudavam-se uns aos outros de forma a diminuir os severos castigos. Tangiam para alertar a chegada do capataz de mato.





– Os habitantes, para além de trabalharem na roça, preocupavam-se com a sua limpeza, preservação e embelezamento. Era uma época de trabalho forçado e de maus tratos aos trabalhadores. Tudo tinha regras, disciplina e muito trabalho.





O Tino, que ouvia tudo com muita atenção, acrescentou:

– Sabem como ficaram as roças que eram dos colonos? Realmente, todas as roças eram lindas. Mas com passar do tempo, anos depois à nossa independência no dia 12 de Julho de 1975, elas foram-se degradando.

Um jovem lindo e de alta estatura, o Nenuco, respondeu vivamente:

– Essas roças foram nacionalizadas, ou seja, deixaram de ser propriedades dos colonos e passaram ao estado. A partir desse momento as roças começaram a produzir cada vez menos. Já não havia muito rigor com a produção. Tudo isso, também aconteceu aqui na Empresa Agrícola Agostinho Neto.



Com um olhar entristecido, o jovem continuou:

– Depois desta fase, foram destruindo os imóveis: as casas dos patrões, o hospital e os outros edificios. As pessoas retiraram as telhas, as vigas, as tábuas, os barrotes e muito mais. Acabaram por destruir o emblemático hospital, onde os doentes de diferentes partes do país eram tratados!





Até a energia eléctrica era constante e fornecida pela própria roça a partir de uma central hidráulica. A água do Rio D'Ouro era aproveitada para sustentar a máquina da central eléctrica. Era tudo muito lindo. Eram contadas tudo aos detalhes de geração em geração até os dias de hoje. São saudades! Com andar do tempo, e por falta da manutenção a máquina deixou de funcionar e passou-se a usar a energia da rede da EMAE.

Que tristeza! Coisas raras e inéditas podíamos encontrar ali. Deu-se a nacionalização, mas não se cultivou o espírito de cidadania.

O Nenuco, o jovem da Empresa, ressaltou:

- Devemos lutar para construir valores em Agostinho Neto e promover uma cidadania activa!
- Os moradores residentes, também começaram a vandalizar os mobiliários como as mesas, cadeiras, quadros, esculturas, pinturas e fotografias. Todas essas foram importantes para a preservação da história de São Tomé e Príncipe – acrescentou o Nenuco.





Todos que ouviam estas lindas histórias da roça Rio D'Ouro ficavam motivados em mudar o estado actual da referida Empresa. O que fazer? Como começar? Por onde começar?

Foi então que a comunidade decidiu reestruturar ou resgatar todas as belezas que foram destruídas, de modo a incentivar os mais novos a preservarem o que de bom ainda havia. Daí, surge a ideia de criarem Associações e Cooperativas com foco no desenvolvimento e a reabilitação da linda Empresa Agostinho Neto.



Foram sucessivos encontros entre os jovens moradores e Autarquia. Entretanto, no final de cada sessão encontravam-se com os antigos moradores para uma troca de experiência e aprovação das estratégias para implementação das actividades. O tempo foi passando e surgiram muitas ideias. Foram momentos de reuniões, festas e convívios. Todos querem ver a empresa Agostinho Neto a crescer.

Hoje os moradores estão organizados e filiados em distintas associações como a Cana-blabu e as empreendedoras, com o objetivo de reestruturar a comunidade. Já existe uma escola e um jardim-de-infância conservados pela comunidade e grupos das mulheres empreendedoras que transformam os produtos locais, como a fruta pão, a matabala e a banana.

Sum Zozé fez lembrar que existe um grupo de jovens que fazem pinturas nas paredes da Empresa e isso tem dado novo rosto à nossa comunidade.

O jardim botânico está sendo conservado. A Direção do Turismo, a Câmara Distrital de Lobata e a comunidade estão a resgatar toda aquela beleza que anteriormente havia, na histórica empresa.





A máquina de aparelhagem das tábuas funciona perfeitamente e tem sido muito valiosa para a modernização da empresa. A associação está a instalar uma fábrica de transformação de carvão biológico utilizando as serraduras das madeiras.

Com o desenvolvimento e a criatividade surgem os artesãos que vêm brindar a empresa com lindos trabalhos de artesanato com madeiras e cascas de coco, entre outros materiais. Os turistas de tudo quanto é canto do mundo, quando deparam com esses trabalhos ficam encantados.





Surgiu o grupo musical Os Descendentes que cantam e encantam, não só para a comunidade da Empresa, mas, todo o país por onde passam. São noites lindas ao som dos Descendentes.

O Nenuco explicou melhor sobre Os Descendentes:  
– Grupo de jovens de descendentes de cabo-verdianos que vieram contratados para São Tomé e Príncipe, para trabalhar nas roças coloniais.





Sum Zozé acrescentou:

– Não temos apenas os descendentes de Cabo Verde. Existem outros descendentes de outros países irmãos de origem portuguesa e nesse momento todos estão colaborando activamente.

A comunidade está sempre atenta no que deve fazer para dar vida à empresa, principalmente nas horas de lazer. É sempre muita movimentação de pessoas e diversos meios de transportes, sobretudo motorizadas.

– Sim, – disse o Nenuco, – os motoqueiros trazem os turistas e ajudam o nosso negócio a crescer, principalmente nas nossas noites de festas. Transportam membros da comunidade de um lado para outro, para que nada possa faltar.



Quem não gosta das batucadeiras da Tchabeta de Agostinho Neto? Elas alegram todas as festas da comunidade, como a festa de 1º de Junho, Dia Mundial da Criança, que tem sido uma alegria para todas as crianças dessa comunidade.

De forma organizada as associações, cooperativas, organizações e outros participam na preparação dessa festa, para dar muita alegria às crianças. Há um sentimento de solidariedade, nesses momentos.





Em Agostinho Neto, os guias turísticos estão sempre prontos e preparados para receberem os turistas, mostrando-os ponto por ponto, todos os locais da linda empresa. As crianças vibram de tanta satisfação quando os turistas chegam à Empresa.

Elas aproximam-se deles, cantam musiquinhas da terra, batem palmas e até falam dos encantos da comunidade. Muitas vezes fazem-se de pequenos guias turísticos, falando do que sabem e conhecem da roça.

– É importante, disse o Nenuco. – Nós estamos trabalhando com as crianças na educação para a cidadania. Todas devem conhecer as suas origens e saber divulgar a sua cultura.

- Conhecem o cantinho de venda de plantas de decoração? Que plantas tão lindas! Muitas delas, não dão flores, mas, fazem brilhar os olhos de quem passa por aquele lugar.



A história da Empresa Agostinho Neto chegou ao fim. Como essas crianças, todos os meninos e meninas devem aprender a cuidar e preservar o que têm de bom na sua comunidade.

A Empresa Agostinho Neto está a crescer e com vontade de todos, nunca mais irá ser destruída pela comunidade. É bom viver num espaço lindo e organizado, onde todos são amigos e protegem o bem comum.

